



REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO SEGUNDO A PSICOGÊNESE DA LÍNGUA ESCRITA

Pamela Cristina Nunes Teixeira ¹
Juliane Rocha de Moraes - Orientador do Trabalho ²

RESUMO

Este artigo tem como objetivos verificar e discutir o processo de aquisição da escrita no período inicial de alfabetização, com crianças de 4 à 10 anos, sendo alunos da Educação Infantil e Ensino Fundamental, além de adultos no Nível I e II de Educação Fundamental do EJA - Educação de Jovens e Adultos, todos da rede Municipal de Ensino da cidade de São José dos Campos – SP. A análise foi realizada por intermédio de pesquisa de campo com os alunos acima citados, identificando por meio de diversos suportes e portadores textuais os conhecimentos que eles traziam acerca dos mesmos buscando identificar e avaliar a hipótese ou nível da escrita em que se encontravam, fazendo um contraponto com os estudos da evolução da escrita apontada pela Psicogênese da Língua Escrita, ou seja, com embasamento teórico a partir dos pressupostos de Ferreiro e Teberosky (1999), Azenha (1994), dentre outros autores que teceram considerações sobre a alfabetização e a evolução da criança quanto as hipóteses de escrita.

Palavras-chave: Hipótese de escrita, Escrita, Alfabetização, Psicogênese, Educação Inicial.

INTRODUÇÃO

Este trabalho teve início após estudo sobre a Psicogênese da Língua Escrita ter causado uma imensa necessidade de verificar, constatar e discutir as hipóteses de escrita no processo de alfabetização. Desta forma, esta pesquisa tem como objetivos verificar, comprovar e discutir a teoria da Psicogênese da Língua Escrita, com crianças de 4 à 10 anos, sendo alunos da Educação Infantil ao Ensino Fundamental e adultos no Nível I e II de Educação Fundamental do EJA - Educação de Jovens e Adultos, todos da rede Municipal de Ensino da Cidade de São José dos Campos – SP. Nesse contexto a pesquisa procurou aprofundar na alfabetização inicial, processo onde o papel do professor é indispensável, refletindo sobre as hipóteses para que realize as mediações potentes afim

¹ Graduando do Curso de **XXXXXX** da Universidade Federal - UF, autorprincipal@email.com;

² Professor orientador: titulação, Faculdade Ciências - UF, orientador@email.com.



de impulsionar o desenvolvimento do alunos para que de fato ocorra a inserção do sujeito no mundo letrado, o que significa que a leitura e a escrita fazem parte do cotidiano social.

METODOLOGIA

O material utilizado para coleta de dados e posteriormente análise foram fichas organizadas como tabela onde os espaços eram para que os alunos escrevessem o que lhe fosse solicitado da forma que soubessem, sem nenhuma intervenção.

Foi elaborado dois tipos de ficha, uma para crianças de 4 à 10 anos e outra para alunos de Educação de Jovens e Adultos (EJA) do nível um e dois, ambas foram impressas em papel A4 (210 x 297 mm), no modo retrato, da seguinte forma:

DESENHO DA FAMÍLIA
NOME COMPLETO E IDADE
COMIDA PREFERIDA
DESENHO PREFERIDO
POR QUE É IMPORTANTE LER E ESCREVER
BRINQUEDO PREFERIDO
O QUE QUER SER QUANDO CRESCER
EU GOSTO DE _____

Tabela 1 – Ficha para os alunos de 4 a 10 anos.

DESENHO DA FAMÍLIA
NOME COMPLETO E IDADE
COMIDA PREFERIDA
O QUE DESEJA CONQUISTAR
PROGRAMA QUE GOSTA DE ASSISTIR
O QUE PRETENDE APÓS O TÉRMINO DO EJA
O QUE GOSTA DE FAZER
PORQUE É IMPORTANTE LER E ESCREVER

Tabela 2 – Ficha para os alunos do EJA 1 e 2.

Para dar início a pesquisa, Três escolas da rede municipal de ensino foram visitadas, sendo a primeira de Educação Infantil, onde coletamos dados com as crianças de 4 a 5 anos de idade, estas foram escolhidas pelas professoras aleatoriamente e levadas a uma sala reservada para preencher a ficha.



A segunda escola coletamos dados com os alunos de 6 à 10 anos de idades, todos também foram escolhidos pelas professoras de forma aleatoriamente e encaminhados a um espaço externo e calmo da escola, assim completaram a tabela individualmente.

Na terceira escola, os alunos estudados, foram do Ensino de Jovens e Adultos – EJA do nível 1 e 2, nesta as professoras não escolheram nenhum aluno, mas informou a toda a sala sobre a pesquisa e solicitou espontaneamente que um deles participassem da pesquisa.

Após a coleta de dados, todo o material foi analisado e classificado nas hipóteses segundo Emilia Ferreiro e Ana Teberosky.

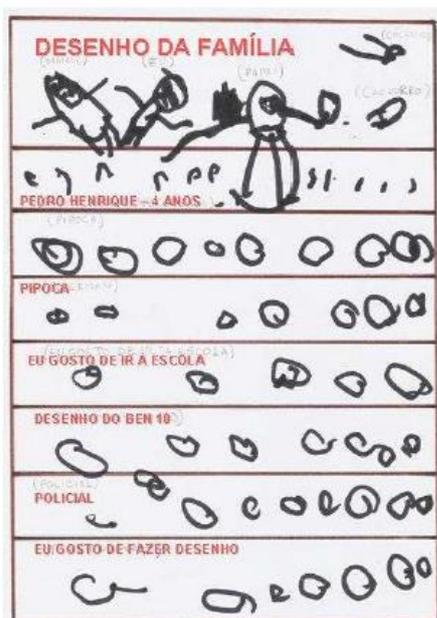
É válido ressaltar que cada hipótese possui suas características, porém não são determinantes, assim a criança pode estar em uma hipótese com características da hipótese anterior.

Nesta hipótese a criança reproduz traços típicos da escrita, podendo ser na forma cursiva com grafismo ligado entre si com uma linha ondulada ou em formas de imprensa com grafismos separados compostos de linhas curvas, aqui cada criança interpreta apenas sua própria escrita, esta possui características semelhantes, o que não impede de uma mesma escrita ter mais de um significado.

“Escrever é reproduzir os traços típicos da escrita que a criança identifica como a forma básica da mesma” (Ferreiro e Teberosky – 1999, p. 193)

Outra característica desta hipótese é a da criança fazer correspondência figurativa entre a escrita e o objeto referido, as crianças neste nível possuem certa dificuldade de diferenciar as atividades de escrever e desenhar, o desenho funciona como uma garantia, já que o que não é escrito é desenhado.

Azenha (1999), declara que para o infante: “O desenho é uma clara estratégia da remissão ao conteúdo registrado.” O exemplo acima é de um indivíduo que não possui conhecimento das letras do alfabeto e tenta escrever suas ideias com desenhos, sendo assim uma criança pré-silábica icônica.



O exemplo acima é de um indivíduo que não possui conhecimento das letras do alfabeto e tenta escrever suas ideias com desenhos, sendo assim uma criança pré-silábica icônica.

Pré-Silábica (Nível II)

A característica principal deste nível é a tentativa sistemática de criar diferenciações entre os grafismos produzidos. (Azenha – 1994, p. 66)

Outra característica marcante, é quanto o repertório conhecido e utilizado de caracteres e a necessidade de variá-los, pois, por não ter um repertório amplo de letras, acabam utilizando um mesmo grupo de letras. Azenha, (1994, p. 67). Em sua obra, a autora mostra alguns exemplos caracterizando esta hipótese, dentro deles o de Barbara de 5 anos.

IEAFL = DIRETORA

LEIFI = ESCOLA

EIAFE = CLASSE

PIELF = GIZ

IEAEIEFL = A CRIANÇA FOI NA ESCOLA



Barbara, faz uso de apenas seis letras, mas faz o máximo de combinações possíveis. Assim, as mesmas letras organizadas de forma diferentes possuem para Barbara vários significados. Nesta situação, Barbara nos relewa que já percebeu que as palavras precisam de variações de letras para terem novos significados.

Silábico Sem Valor Sonoro

Neste nível a criança passa por uma grande evolução, pois deixa de ver a escrita como forma global e passa a identificá-la com sistematização silábica.

Azenha, (1994, p. 72). A autora mostra alguns exemplos caracterizando esta hipótese, dentro deles o de Henrique de 6 ano, 8 meses e 28 dias.

HENRIQUE = Escrita do próprio nome.

V	A	D	E
↓	↓	↓	↓
ma	ri	nhei	ro

O	F	T
↓	↓	↓
gi	gan	te

A	S	H	Z
↓	↓	↓	
na	vi	o	

Para Azenha (1994, p. 74), Henrique, de 6 anos e 8 meses, escreve as palavras marinheiro, gigante e navio, fazendo corresponder a cada sílaba oral uma das letras escritas. No entanto, não utiliza as letras com o valor sonoro convencional.

Silábico Com Valor Sonoro

Nesta hipótese a criança procura atribuir valor sonoro a cada uma das letras que faz parte da escrita. Azenha (1994), A criança cria a estratégia de atribuir a cada letra ou marca escrita o registro de uma sílaba falada. O saldo qualitativo representado por esta estratégia leva a criança à superação global entre a forma escrita e a expressão oral, sendo assim,

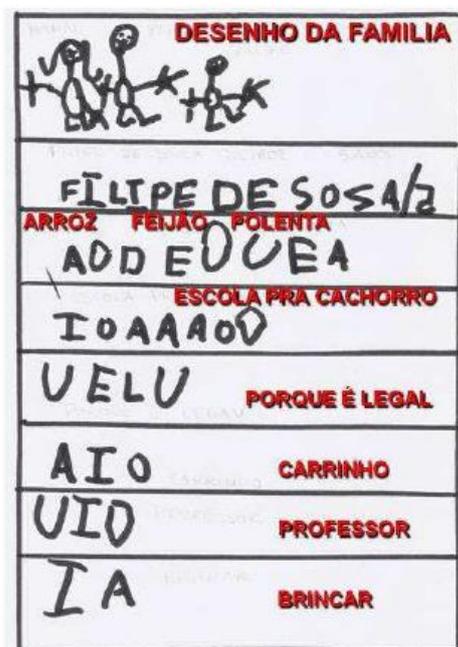


pela primeira vez, se trabalha com a hipótese de que a escrita representa partes sonoras da fala.

Filipe, de 5 anos é uma das crianças pesquisada em uma escola de educação infantil, e é também um exemplo de uma criança silábica com valor sonoro, já que reconhece os fonemas das letras. Quando Filipe escreve CARRINHO, sendo seu brinquedo preferido ele reproduz essa escrita da seguinte forma:

A	I	O
↓	↓	↓
CA	RRI	NHO

Neste exemplo fica nítido o reconhecimento fonético apenas das vogais, mas caracteriza Filipe como uma criança na hipótese silábica com valor sonoro.



Neste nível Silábico, seja com valor ou sem valor sonoro, a criança começa a ter consciência entre fala e escrita, ou seja, que existe uma relação entre o que se fala e o que se escreve. Assim buscam dar valor sonoro a letras e sinais para representar as palavras,



para cada sílaba pronunciada o indivíduo escreve uma letra (uma letra para cada sílaba), ou para cada palavra numa frase dita, como no exemplo acima.

Silábica alfabética

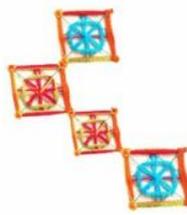
Neste nível ocorre a passagem da hipótese silábica para alfabética, sendo assim a criança já possui dois conceitos: um relacionado à hipótese silábica e a obrigatoriedade da quantidade mínima de letras, podendo desta forma ter conceitos básicos para a construção da escrita e da leitura. Outra característica marcante é que por se tratar de um nível de transição a criança pode apresentar uma certa dificuldade para administrar as informações recebidas.

No próximo exemplo, Maria Clara, de 6 anos e 8 meses, está da fase de transição da hipótese silábica para alfabética.



Quando pedi para Maria escrever o nome de seu brinquedo preferido ela representou da seguinte forma:

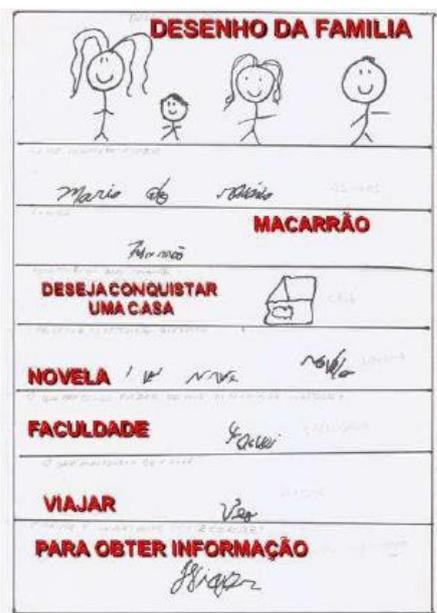
BO	N	QCA
↓	↓	↓
Bo	ne	ca



Neste momento ela se apresenta como Silábica-alfabética. E quando pergunto a Maria o que ela gosta de fazer, ela me responde:

G I CA
↓ ↓ ↓
Br in car

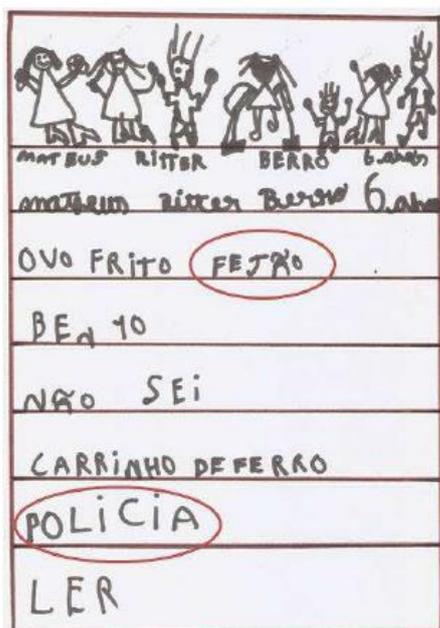
Neste momento, Maria se revelou como silábica com valor, assim foi possível comprovar sua face de transição. No exemplo a seguir, Mario de Rosário de 45 anos, aluno do EJA, também se encontra em uma face de transição do silábico com valor para o alfabético.



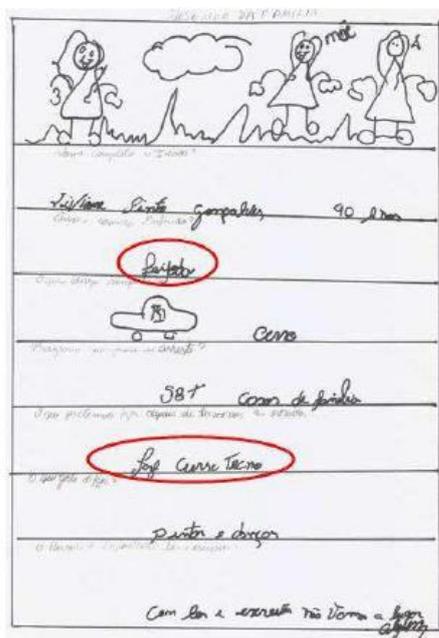
Alfabética

Este é o último estágio da evolução da escrita, neste a criança já compreende que para cada valor sonoro existe uma escrita correspondente, tendo assim uma sistematização acima da silábica. Esta característica, faz com que a criança seja capaz de realizar uma análise sonora dos fonemas, antes mesmo de escrever uma palavra.

Mesmo no nível alfabético o sujeito pode apresentar omissões de letras e equívocos ortográficos, como no exemplo abaixo:



Matheus, de seis anos e 10 meses é uma criança na hipótese alfabética, no entanto possui alguns equívocos ortográficos, como os das palavras em destaque.



Viviane, de 40 anos, aluna do EJA, é um exemplo do nível alfabética, apresenta sérios equívocos ortográficos, mas possui a sistematização da língua escrita.



Ana Júlia, de 9 anos e 6 meses, também está no nível alfabético, e apresenta uma escrita convencional, já se apropriou de diferentes regras ortográficas.

Mesmo para aquelas crianças que já atingiram o nível alfabético, o processo de desenvolvimento da escrita continua, de acordo com Ferreiro e Teberosky (1986), as crianças que atingem o nível alfabético passam a vivenciar novas descobertas e o aluno segue superando etapas, marcadas pelas dificuldades ortográficas, ao conhecer palavras novas, mais precisamente, aquelas que contêm sons de r/rr, x/ch, s,ss,ç, g/j, e/i, e assim por diante.

REFERENCIAL TEÓRICO

Uma das principais obras que buscam explicar o processo de aquisição da escrita pela criança é o livro “Psicogênese da língua escrita” (FERREIRO; TEBEROSKY, 1985). Esta acima foram apresentadas, analisadas e discutidas buscando evidenciar os níveis evolutivos pelo qual passam as crianças no seu processo de aprendizagem, tomando como suporte a teoria Psicogenética de Jean Piaget, e utilizando-se de dados de pesquisa experimental, realizada pelas próprias autoras. Assim, para este artigo, construiu-se embasamento teórico a partir dos pressupostos de Piaget, Emília Ferreiro, Ana Teberosky e Maria Azenha, dentre outros autores.

Para Ferreiro e Teberosky (1999), a criança busca a aprendizagem na medida que constrói o raciocínio lógico e que todo o processo do desenvolvimento da escrita e da leitura passa por



níveis de conceitualização que caracterizam as hipóteses da escrita. No livro *Psicogênese da Língua Escrita*, Emilia Ferreiro e Ana Teberosky, apresenta cinco hipóteses de escrita:

- Hipótese Pré-Silábica
- Hipótese Silábica Sem Valor Sonoro
- Hipótese Silábica Com Valor Sonoro
- Hipótese Silábico-Alfabética - Hipótese Alfabética

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Todos os dados foram analisados de acordo com os níveis de aquisição da escrita segundo Ferreiro e Teberosky (1994).

O Pedro Henrique de 4 anos, encontra-se na hipótese pré-silábico icônico, apresentando garatujas, não possui conhecimento das letras do alfabeto.

Filipe de 5 anos, encontra-se na hipótese silábica, mas já reconhecendo alguns fonemas, principalmente das vogais.

Maria de 6 anos e Mario de Rosário de 45 anos, estão na fase silábica-alfabética, pois há momentos em que escrevem uma letra para representar a sílaba e há momentos em que escrevem a sílaba completa, ainda em outros, apresenta dificuldades nas sílabas mais complexas.

Matheus, de 6 anos e Viviane de 40 anos, encontram-se na hipótese alfabética, apresentam equívocos ortográficos, faltando apenas apropriar-se das convenções ortográficas principalmente nas sílabas mais complexas, mas compreendem a sistematização da língua escrita.

Ana Júlia, de 9 anos, está alfabética, compreende perfeitamente a construção da escrita, não apresentando equívocos ortográficos.

Não importa a fase, a criança, ao escrever, enfrenta problemas que terá que resolver, são desafios intelectuais que irá enfrentar para compreender as regras de construção do sistema da escrita. Portanto, é fundamental que o professor identifique as dificuldades que se apresentam para as crianças e que as desafie para que possam identificar e resolver com autonomia esses pequenos conflitos (FERREIRO, 2011).



Nota-se que hoje o foco da educação está na aprendizagem da construção da língua escrita, no entanto é necessário ter conhecimento do processo de alfabetização para que possa planejar as intervenções tendo clareza do processo ensino-aprendizagem.

Não se pode perder de vista de que a alfabetização é o processo que insere a criança no mundo letrado, o que significa que a leitura e a escrita fazem parte do cotidiano social, elas devem ser trabalhadas na escola de forma que possibilitem a relação entre a escola e a vida. Por isso, a influência do meio de convivência em que a criança está inserida e também as experiências dela são de suma importância para o desenvolvimento desse processo e devem ser levadas em conta.

Para Ferreiro e Teberosky (1999), não é o ambiente que alfabetiza, nem tampouco o fato de pendurar coisas escritas nas paredes que produz um efeito alfabetizador, e que nenhuma criança entra na escola regular sem nada saber sobre a escrita, e que o processo de alfabetização é longo e trabalhoso para todos, não importa a classe social.

É necessário acreditar que todos no processo de alfabetização, passam por etapas, por hipóteses, cada uma delas possuem significados diferentes, cada uma delas traz informações importantes para o desenvolvimento da escrita.

Para que a criança continue evoluindo em suas aprendizagens, é fundamental que os professores possam estimular as crianças para que tenham contato, interações com a linguagem escrita, nos mais diferentes contextos. É importante que o aluno, ao escutar uma história, fique atento para saber onde é que o professor está lendo, assim a criança descobre como a língua se organiza de diferentes maneiras quando se está praticando a oralização de uma leitura ou quando o professor está falando sem ler.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos de Ferreiro e Teberosky proporcionaram aos educadores e pesquisadores da área da educação e principalmente a todos aqueles envolvidos com a alfabetização uma nova concepção e percepção da mesma como uma atividade complexa e que se constrói pela ação do indivíduo.

Conclui-se que quanto mais um indivíduo possui a oportunidade de vivência significativa com a escrita e com a leitura e que quanto mais este se envolve em atividades onde tenha que pensar sobre a escrita como objeto social de conhecimento,



fruto de um processo histórico, onde ele seja levado a criar, pensar, ler e escrever textos que realmente circulem no contexto social letrado, maior será o seu desempenho e sucesso como leitor e escritor.

Ferreiro permitiu, por meio de sua pesquisa, a valorização dos conhecimentos prévios trazidos pelo sujeito aprendiz no início de sua escolarização, assim as hipóteses da escrita por ela estudada apontam os erros construtivos por qual passa o aluno no início do processo de alfabetização.

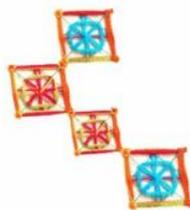
As experiências realizadas por Emilia Ferreiro e Ana Teberosky, confirmam a hipótese inicial da investigação a qual “todos os conhecimentos supõem uma gênese” (Ferreiro e Teberosky, 1999, p. 260).

Com base no estudo que fora feito ao longo deste artigo, acredita-se que se faz necessário a todos os professores e profissionais da área, conhecer o processo de aquisição da escrita a fundo, a fim de que evitem alguns equívocos que interfiram no processo de ensino-aprendizagem da alfabetização.

É certo, que a teoria da Psicogênese da Língua Escrita de Emília Ferreiro não se insere como a única e infalível teoria com a proposta de alfabetizar e compreender como um todo a língua e a escrita, porém a aplicabilidade de sua teoria no processo da alfabetização nos revela a preocupação dos educadores em encontrar alternativas menos mecânicas que ajam significativamente no processo da construção da escrita e da leitura, já que assim se estará respeita todas as faces da escrita que uma criança passa quando está se alfabetizando. Esta busca será sempre constante, já que o dinamismo das transformações a que o mundo se submete nos impulsiona a esse processo de busca.

No entanto, é necessário ressaltar o que afirma, Ferreiro (2011) o conceito de alfabetização não é fixo, mas é uma construção histórica que muda de acordo com as exigências sociais e com as tecnologias de produção de texto. A disponibilização dos novos meios de se comunicar não entra somente no dia a dia das pessoas, mas no cotidiano profissional, considerando que as tecnologias permitem a leitura, a produção de textos e o compartilhamento imediato.

REFERÊNCIAS



AZENHA, Maria da Graça. Construtivismo: de Piaget a Emília Ferreiro. 3. ed. São Paulo: **Ática**, 1994.

- DIAS, M. A. L. Relação entre a língua escrita e consciência história em produções textuais de crianças e adolescentes – **USP**- São Paulo – 2007

- FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da língua escrita. Tradução de Diana Myriam Liechtenstein, Liana Di Marco, Mário Corso. Porto Alegre: **Artmed**, 1999.

- FERREIRO, E. Alfabetização em Processo. São Paulo: Cortez, 1996. 144p. _____. Reflexões sobre alfabetização. 26. ed. São Paulo: **Cortez**, 2011